



O negro e a mídia: recepção da telenovela por integrantes do Movimento Negro de Santa Maria¹

Letícia de Abreu Rodrigues², Centro Universitário de Várzea Grande (MT)

RESUMO

Como a identidade étnica e a militância social servem de mediadores na recepção da telenovela é a problemática central da pesquisa, que se baseou nas teorias latino-americanas de recepção e nos estudos sobre a identidade étnica. O trabalho foi realizado através da recepção do folhetim *Cobras e Lagartos*, exibido no ano de 2006, no horário das 19h, pela Rede Globo, por integrantes do Movimento Negro de Santa Maria. Além do levantamento bibliográfico, foram utilizadas as técnicas de observação direta, entrevista semi-estruturada e história de vida. A análise revela que não há identificação com os personagens negros presentes na trama porque eles não refletem o negro que é defendido pelo movimento social: uma pessoa que tem orgulho de sua cor, que sabe enfrentar as situações de racismo e que consegue sucesso na vida profissional pela sua competência e esforço.

PALAVRAS-CHAVE: Negros; telenovela; identidade étnica

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira atual foi formada por uma diversidade de etnias. Alguns, como os índios, já habitavam o território que hoje é conhecido como Brasil antes dos portugueses chegarem em 1500. Outros, como imigrantes alemães e italianos, viram no país uma nova oportunidade para construir uma vida melhor que em seus países. Mas milhões de negros não tiveram escolha: foram escravizados no continente africano e vieram apenas para servir seus senhores.

Atualmente, passados quase 120 anos da abolição da escravatura, os negros brasileiros ainda não conseguiram ocupar as merecidas posições sociais. Tanto que se discutem formas, como as cotas para afro-descendentes em universidades e concursos públicos, para amenizar essa exclusão e dar as mesmas chances que as outras etnias tiveram durante o desenvolvimento do Brasil. Essas discussões são reflexos do trabalho que o Movimento Negro vem fazendo ao longo das últimas décadas.

Este trabalho tem como proposta compreender como a identidade étnica e a militância social servem como mediadores na recepção da telenovela. Ou seja, como

¹ Trabalho apresentado ao GT de Audiovisual, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul

² Especialista em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria, jornalista e relações públicas formada pela mesma instituição. Atualmente atua como docente nos cursos de graduação de Turismo e de Comunicação Social – Relações Públicas do Centro Universitário de Várzea Grande (MT). E-mail: letícia_abreu@univag.com.br



estes dois fatores fazem com o que o olhar sobre a telenovela de pessoas negras que participam do Movimento Negro de Santa Maria seja diferenciado e único. Para realização da pesquisa, foi escolhida a telenovela *Cobras e Lagartos*, que teve dois personagens de destaque interpretados por atores negros. A trama foi exibida no horário das 19h da Rede Globo de abril a novembro de 2006.

1. A RECEPÇÃO

Os estudos de recepção no Brasil começaram a tomar força na comunicação na década de 70, com as primeiras pesquisas, ainda que realizadas fora do campo da comunicação, e a implantação dos primeiros cursos de pós-graduação no país.

A questão fundamental nesse tipo de estudo é o que o receptor faz com os meios de comunicação e não o contrário, ou seja, como ele recebe o produto midiático e reelabora essa informação, a partir de sua situação social, étnica, de gênero, etc. Uma das vertentes latino-americanas que estuda a recepção é o uso social dos meios, de Jesús Martín-Barbero. Trata-se “del estudio de las articulaciones que se dan entre las prácticas del comunicacion y los movimientos sociales, considerando las diferentes temporalidades y las pluralidades de las matrices culturales.” (JACKS, 1996: 179)

Nesse sentido, os usos do receptor não podem ser separados de sua situação sócio-cultural. É através dela que as mensagens midiáticas são reelaboradas e apropriadas. O processo, portanto, transcorre a partir de várias mediações. Para MARTÍN-BARBERO, as mediações são “los lugares de los que provienen las construcciones que delimitan y configuran la materialidad social y la expresividad cultural de la televisión”. (1991:233)

A mediação pode ser pensada, com afirma LOPES, como “uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais e no cotidiano de vida das pessoas que, ao realizar-se através dessas práticas, traduz-se em múltiplas mediações”. (2002: 39) Com relação específica a recepção da telenovela, a mesma autora diz que a mediação deve ser entendida como “um processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles dos sentidos dessa interação.” (2002:40)

Outro estudioso que trabalha com o estudo de recepção é Guillermo Orozco Gómez. Sua corrente, denominada enfoque integral na audiência ou modelo das multimediações, procura desvendar como se dá a interação entre a TV e a audiência.



Ele trabalha com as mediações individuais (cognitiva e estrutural), a situacional, as institucionais, a videotecnológica e a cultural. Esta última é considerada pelo autor como a mediação fundamental “por ser onde as demais mediações tomam seu lugar e onde se configuram, pois aí todas as informações se originam, o consumo se efetiva, o sentido é produzido e a identidade se constrói” (JACKS, 2005: 70).

Nesta pesquisa usaremos o conceito de mediação de Martín-Barbero. Por se tratar de um trabalho inicial sobre o tema focaremos a reflexão deste trabalho na mediação estrutural (no caso a etnia e a vinculação ao movimento social).

1.1 A identidade étnica

A construção da identidade é um processo dinâmico. Ela distingue e especifica grupos sociais. Com o conceito de mediação de SODRÉ compreende-se que as relações humanas na sociedade contemporânea tendem a virtualização, ou seja, a mediação entre a mídia e o indivíduo ocorre associada a uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica (2006: 20).

E essa questão interfere na identidade que conforme essa realidade vai sendo modificada e remodelada constantemente. É justamente nisso que aposta BONIN, para quem a identidade étnica não pode ser vista como uma identidade fixa, mas sim como algo dinâmico, em que a história não deve ser deixada de lado. Para ela, a identidade étnica seria um sistema de representação cultural “construídos pelos grupos étnicos em situações específicas e que pode ser objeto de transformação a partir de processos como a mediação”. (2003: 5)

O conceito de identidade étnica que nos parece ser o mais adequado nesta pesquisa é o de BARTH. Para ele, ela serve para estabelecer os limites do grupo étnico, cuja principal característica é o partilhar de uma cultura em comum (1998: 191). Essa cultura, porém, não é um fator de origem ou primário, mas é construída a partir da identificação que o indivíduo terá com essa cultura, processo que pode ser modificado a partir da mídia. Isso pode explicar porque uma pessoa negra não se identifica com a cultura afro ou uma pessoa que não pertence a essa etnia identifique-se com essa cultura. Portanto, compreende-se a identidade étnica como um fator que limita um grupo, que se reúne para compartilhar uma cultura comum. Ou seja, os integrantes do Movimento Negro têm fortemente presente essa questão do orgulho de ser negro e de se autodefinirem assim. Além disso, eles compartilham ideais que formam o conjunto de práticas que este movimento social busca na comunidade santa-mariense. Por isso, a



identidade étnica é um fator que condiciona a integração de alguém a um grupo, isto é, para lutar por melhores condições para os negros de Santa Maria é preciso primeiro ter consciência de sua negritude.

Não se pode esquecer, no entanto, que a identidade étnica, como já foi dito, é um processo e como tal, nunca está concluído. Conforme MARTIN-BARBERO, falar em identidade atualmente significa “falar de migrações e mobilidades, de redes e de fluxos, de instantaneidade e fluidez”. (2006: 61) Ou seja, a identidade contemporânea, como a identidade étnica negra, está continuamente construindo-se e modificando-se, e a mídia atua neste processo, inclusive para seu reconhecimento social. O que esses indivíduos querem “não é tanto ser representados, mas, sim, reconhecidos: fazerem-se visíveis socialmente em sua diferença”. (2006: 68)

Além disso, a identidade negra tem uma particular diferença em relação a outras etnias que tiveram uma cultura em comum, marcada pela língua ou costumes, por exemplo. Ela, como lembra SODRÉ, não foi um processo de construção natural a partir da cor da pele ou da mentalidade. “Tal identidade aparece na História a partir da discriminação cultural operada por indivíduos e grupos de cor clara.” (1999: 255)

1.2 O movimento social

Um movimento social, conforme definição de CASTELLS, diz respeito à “ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade” (1999: 20). É esse conceito que estamos adotando neste trabalho, ou seja, o Movimento Negro é visto como uma ação coletiva que pretende modificar, de alguma forma, a sociedade.

O Movimento Negro no Brasil teve origem na década de 30 com a Frente Negra Brasileira (FNB), que procurava afirmar o negro como brasileiro (renegando as tradições culturais negras que seriam responsáveis pelos estereótipos que marcavam os negros) e denunciar a discriminação, principalmente no mercado de trabalho que favorecia os estrangeiros (GUIMARÃES, 2002: 87).

Outra organização de destaque foi o Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro, que surgiu após a redemocratização em 1945. O Movimento Negro Unificado só surge em 1979, após o período mais duro da ditadura militar (1964-1978).

Em Santa Maria, o Movimento Negro atual está vinculado ao poder público. Em 2003, a Prefeitura criou a Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para a Comunidade Negra, com o objetivo de desenvolver ações para a promoção da igualdade



racial nas áreas de educação, cultura, saúde, comunidades quilombolas, geração de trabalho e renda.

2. O NEGRO E A TELENVELA

Falar sobre a participação e a representação do negro na telenovela é falar também da sociedade brasileira e de todas as suas contradições e preconceitos. Se tomarmos como base a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios de 2005 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população parda corresponde a 43,2% do total e a preta a 6,3%³. Seriam, portanto, 49,5% da população brasileira que poderiam ser considerados negros ou afro-descendentes.

No entanto, ao assistirmos uma telenovela (e a televisão de forma geral) não é essa a proporção apresentada. Estudos confirmam que a mídia no Brasil tem representado, ao longo do tempo, o negro de forma estereotipada e discriminatória. Um deles é o trabalho realizado por Joel Zito Araújo, que analisou 98 novelas produzidas pela TV Tupi, TV Excelsior e Rede Globo, de 1963 a 1997⁴. Com exceção das que tiveram a escravidão como tema, “não foi encontrado nenhum afro-descendente em 28 delas. Apenas em 29 telenovelas número de atores negros contratados conseguiu ultrapassar a marca de dez por cento do total do elenco”. (ARAÚJO, 2004:305)

O autor também mostra como os negros foram mostrados de forma estereotipada nestes folhetins. Os papéis destinados a eles eram da mãe preta, do moleque negro, da criadinha ou do motorista fiel, do jagunço e do malandro carioca. Ou seja, quando existiam, as personagens negras eram mostradas de forma subalterna e negativa, destacando-se os aspectos da “malandragem” ou da sensualidade, no caso das mulheres.

A construção do estereótipo do negro, segundo SODRÉ, que cita Goffmann, surge entre a identidade social real (comparada por traços reais) e a identidade virtual (aquela que é conferida ao outro). Essa identidade virtual tem como base o senso comum que está amparado na “tradição ocidental de preconceitos e rejeições” (1999: 246). E é a partir dela que são produzidos os estereótipos em torno do negro. Ou seja, a

³ O IBGE considera cinco categorias para a pessoa se classificar quanto à característica cor ou raça: branca, preta, amarela (compreendendo-se nesta categoria a pessoa que se declarou de raça amarela), parda (incluindo-se nesta categoria a pessoa que se declarou mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça) e indígena (considerando-se nesta categoria a pessoa que se declarou indígena ou índia).

⁴ Em seu livro, o autor faz um trabalho bastante completo e abrangente sobre o tema: ele identifica os personagens reservados para o ator e a atriz negra, examina como eram caracterizados, se o papel era de protagonista, antagonista ou de um personagem secundário e as causas dos estereótipos apresentados.



imagem dos indivíduos de pele escura (expressão usada pelo autor), que tem origem na época da escravidão, segue viva ainda hoje na sociedade.

Estereótipo, portanto, pode ser compreendido como uma imagem simplificada, formada a partir de generalizações sobre um grupo, não levando em conta as diferenças existentes no interior dessa coletividade. Essa prática “reduz, essencializa, naturaliza y fija (la diferencia)”. (HALL apud SILVEIRA: 2000, 303)

Outro trabalho sobre o negro na telenovela foi feito pela professora de antropologia cultural Solange Martins Couceiro de Lima, da Universidade de São Paulo. A pesquisa “A Identidade da Personagem Negra na Telenovela Brasileira” foi realizada de 1995 a 1998 e analisou as novelas da Rede Globo exibidas no horário das 19h e das 20h em dois períodos – de 1975 a 1988 e de 1988 a 1997⁵.

A conclusão é semelhante a do trabalho de Joel Zito de Araújo. As personagens negras das telenovelas refletem e, ao mesmo tempo, reforçam a imagem do negro como uma pessoa humilde ou em condição social subalterna, pobre, com pouca instrução e educação, e também com doses de sensualidade, no caso da mulher negra.

Mas gradativamente estão ocorrendo avanços. Um dos destaques positivo foi a novela *Pacto de Sangue* (Rede Globo), de 1989, que abordava o tema da escravidão. Ela deu aos personagens negros tratamento semelhante ao que os brancos costumam receber nos folhetins históricos, mostrando que o Brasil é resultado do empenho de várias etnias. (ARAÚJO, 2004: 222-223)

Em 1995, surge, em *A próxima vítima* (Rede Globo), a primeira família de classe média negra que adquire visibilidade e simpatia da audiência⁶. A primeira telenovela brasileira a ter uma protagonista negra (a atriz Taís Araújo) foi *Xica da Silva*, exibida em 1996 e 1997 pela extinta Rede Manchete. A mesma atriz, em 2004, foi pioneira novamente ao protagonizar a primeira novela da Rede Globo (*Da cor do pecado*) a ter uma negra como personagem principal⁷. Em 2006, o ator negro Lázaro Ramos interpretou um dos principais personagens em *Cobras e Lagartos* (a novela teve também Taís Araújo como destaque na trama).

⁵ Sobre esta pesquisa ver matéria “O negro na telenovela” publicada na edição 31 da Revista Pesquisa FAPESP, de maio de 1998, no site www.revistapesquisa.fapesp.br.

⁶ Mas isso, conforme ARAÚJO, deve-se porque era a família Noronha era uma família comum, que poderia ser interpretada por atores de qualquer etnia. A explicação da aceitação pela audiência, conforme o autor, foi o fato da família ser bem estruturada, ao contrário das demais da trama.

⁷ Sobre a telenovela *A cor do pecado* ver os artigos de Luciene Cecília Barbosa – As situações de racismo e branquitude representadas na telenovela “Da cor do pecado” – e de Denis de Oliveira e Maria Ângela Pavan – Identificações e estratégias nas relações étnicas da telenovela “Da cor do pecado” – no site www.portcom.intercom.org.br.

3. A RECEPÇÃO DA TELENOVELA *COBRAS E LAGARTOS*

Para realização da pesquisa, foi feito um estudo de caso com seis integrantes do Movimento Negro de Santa Maria, quatro mulheres e dois homens. A coleta de dados realizou-se de agosto a novembro de 2006. Foram realizados, em média, de dois a três encontros com cada entrevistado. Além do levantamento bibliográfico, foram utilizadas as técnicas de observação direta, entrevista semi-estruturada e história de vida.

A mulheres têm entre 39 e 55 anos e os homens, 40 e 48. Todos os entrevistados são casados, pertencem à classe média e a quantidade de membros da família varia de três a cinco componentes. Quanto à participação no Movimento Negro, duas das mulheres têm quase duas décadas de militância (Ana e Sandra), Marta participa há dez anos e Carla, há seis anos. Paulo já milita no movimento há oito anos e Pedro, há onze.

3.1 *Cobras e Lagartos*

A novela *Cobras e Lagartos*, de João Emanuel Carneiro, foi exibida pela Rede Globo, no horário das 19h, de 24 de abril a 17 de novembro de 2006. A trama se desenvolve a partir da loja Luxus, centro de consumo dos ricos e poderosos, que se compara à loja Daslu. Entre os principais personagens aparecem dois negros: Foguinho, interpretado por Lázaro Ramos, e Ellen, por Taís Araújo.

Na sinopse, Foguinho é descrito como um jovem carismático, sentimental, mentiroso, sem talento, de caráter fronteiriço, contraditório, ingênuo e sonhador. Ele é o patinho feio da família já que, nitidamente, seu pai prefere os filhos do segundo casamento, e a família toda o considera um perdedor.⁸

Ellen é descrita como a alpinista social que faz tudo para subir na vida. Ela é uma mulher bela, de personalidade forte, ambiciosa, consumista, amoral, sedutora, determinada e dissimulada. Trabalha como vendedora na Luxus. Órfã de mãe, foi criada pelo pai, Jair, em condições modestas, mas dignas. Desde pequena, sonha ascender socialmente.

Há ainda dois outros personagens interpretados por atores negros. O ator Ailton Graça é Ramires, pai de Foguinho e marido de Shirley com quem teve dois outros filhos, Sandra e Téo. O pai de Ellen foi interpretado por Milton Gonçalves. O personagem morre junto com o patrão, em um incêndio, no início da trama.

⁸ O perfil dos personagens foi conseguido em www.globo.com/cobraselagartos. Acesso em 3/11/2006.

3.2 A mediação da identidade étnica

Ao tentar relacionar a identidade étnica com a telenovela a primeira categoria que se destaca é o próprio conceito de negritude. Ser negro para os entrevistados é diferente do que se apresenta na telenovela.

É sempre uma imagem deturpada. Ou o negro aparece como marginal ou então só consegue melhorar de vida quando se casa com um branco. Eu já to cansada de ver isso. Porque há famílias negras e famílias brancas desestruturadas, mas coincidentemente, o que aparece na televisão é a família negra ou então é uma família negra que quando ascende, como nessa novela das sete, é uma piada. É uma piada um negro ter um pouquinho mais de dinheiro, ficar rico? Mas é assim que a TV Globo trata o negro e a negra na novela. (Carla, 39 anos)

Sobre a ascensão social de Foguinho na novela, MERTEN (2006) destaca que sua consagração (leia-se a boa audiência da novela) seria muito mais pelos defeitos que se atribuem aos negros do que por suas qualidades. “Foguinho, desde o começo, sempre foi engraçado, mas agora virou o bobo da corte na qual, como novo dono da Luxus, é o rei. O negro pobre tem feito tudo o que se espera (e um pouco mais) de um novo-rico.”

O negro da televisão, portanto, não é o mesmo negro da “vida real”, sob a ótica dos entrevistados. Os estereótipos criados ao longo da história da telenovela, que foram observados e analisados por ARAÚJO, continuam sendo os padrões.

Quase sempre o negro é apresentado de forma negativa, é o traficante, o marginal. Ou então é o pagodeiro ou o jogador de futebol. Será que todos os negros do país são assim, não tem nenhum outro tipo de profissão? Eu não me enxergo quando assisto televisão. Quantos milhões de habitantes que tem o Brasil e que não se enxergam, não se vêem, e, infelizmente, gostam do que vêem, idolatram o que vêem e reproduzem o que vêem, como se aquilo fosse o modelo, se aquilo fosse o padrão. (Pedro, 48)

No entanto, dois dos entrevistados comentam que já se podem observar algumas poucas mudanças principalmente em relação à discussão da discriminação racial, que antes só existia nas novelas que tinham a escravidão como tema principal.

Parece que só havia discriminação quando os negros eram escravos e que agora isso não existe mais no Brasil. Claro que existe e é bom ver algumas situações de discriminação mostradas na TV. Isso mostra que a questão da democracia racial é apenas um mito. Nessa novela das sete, por exemplo, a discriminação fica clara na família do Foguinho. Seu pai prefere os filhos brancos a ele, que é negro. Mas ele não toma nenhuma atitude quanto a isso, não tem consciência de sua negritude. (Sandra, 55 anos)

O próprio autor da novela, o mesmo que escreveu *A cor do pecado* (primeira novela da Rede Globo que teve uma protagonista negra), afirmou que



há “gente que ainda não gosta de ver um casal negro na TV (referindo-se a Ellen e Foguinho)”. (TRIGO, 2006)

Outra categoria que pôde ser identificada foi a da dicotomia branco/negro. Todos os seis entrevistados falam da população brasileira como se ela fosse dividida apenas em brancos e negros (aqui eles consideram também os chamados pardos).

O Brasil é o segundo país mais negro do mundo, ficando atrás apenas da Nigéria. Quase a metade da população é negra. E o que vemos na novela? Pouquíssimos negros e menos ainda de destaque. Nessa novela até que há dois papéis importantes feitos por negros, mas são personagens que só melhoram de vida roubando e passando a perna nos outros. Essa não é a imagem que gostaríamos de ver do negro na televisão. (Marta, 45 anos)

Nesse aspecto, surge uma questão importante para entender a construção da identidade étnica dos integrantes do Movimento Negro. Os dados que eles apresentam são do IBGE, que usa o critério de autodefinição, ou seja, as pessoas declaram sua cor ou raça de acordo com aquilo que se consideram (pretas, brancas, pardas, índias, morenas⁹). Isso significa que uma pessoa de pele negra pode perfeitamente de autodeclarar branca ou uma pessoa branca se dizer negra. Tudo vai depender da identificação que essa pessoa tem, de como ela se vê perante a sociedade.

E a falta de concordância sobre a autodefinição “entre afro-descendentes politicamente mobilizados por meio dos movimentos negros e das bases negras que formam a maioria sem mobilização alguma é o problema central na construção de uma identidade coletiva dos afro-descendentes” (MUNANGA apud SANTOS, 2004: 70-71). Dessa forma, o Movimento Negro busca que pretos e mestiços descendentes de negros se identifiquem como sendo negros.¹⁰

A telenovela, neste ponto, não retrataria o negro em toda a sua diversidade. Ela apenas tentaria passar uma imagem “branqueada” dele, isto é, a maioria dos personagens negros poderia muito bem ser interpretada por atores não-negros porque, segundo os entrevistados, a cultura negra (música, arte, religião) não é valorizada. O próprio Foguinho, de acordo com o autor da novela, inicialmente não seria interpretado por um negro. (TRIGO, 2006)

São personagens que querem ser brancos. E isso é complicado porque se reflete na realidade. A minha filha, quando tinha uns cinco anos, me perguntou se era branca. Eu disse que ela era negra e ela me disse: Mas mãe, olha a palma da minha mão, é branca. Meu dente é branco, a

⁹ No censo de 1980, teriam sido apontadas 136 cores entre os entrevistados brasileiros.

¹⁰ Essa mesma estratégia foi adotada pela Revista Raça Brasil, publicação destinada ao negro brasileiro, que, conforme pesquisa de SANTOS, ressignificou os mestiços como negros. A atriz Camila Pitanga, por exemplo, que tem pai negro, se declarou negra em matéria da publicação, apesar dela poder ser considerada mulata e até branca.

coisinha dentro do meu olho é branca. Olha o meu pé, mãe, embaixo é branco. Então a criança vai se identificar com aquilo que ela vê. E ela também estudava numa creche onde a maioria das crianças não eram negras. É uma construção. Então tu tem que desconstruir aquilo que é deturpado. (Carla, 39 anos)

Por fim, a identidade étnica negra reivindicada pelos entrevistados e pelo Movimento Negro de modo geral não corresponde ao que é veiculado pela televisão. Todos os entrevistados afirmam que a telenovela brasileira ainda está longe de representar os negros de forma não-estereotipada e negativa. E essa mudança na mentalidade da sociedade brasileira é um processo lento, que está sendo construído e que tem direta ligação com o trabalho do Movimento Negro.

3.3 A mediação da militância social

Todos entrevistados afirmam que a participação no Movimento Negro foi e é muito importante para a formação de sua própria identidade. Situações de discriminação relatadas são vistas de outra forma pelos seis após se engajar no movimento social.

E com certeza na infância eu lembro de coisas. Eu tinha muita vergonha de andar com os braços de fora. E eu tinha vergonha pela questão de ser negra, eu sempre usava blusas de manga comprida, mesmo no verão e eu tinha vergonha de tirar a blusa e nem eu sabia por que. E hoje eu me dou conta, quando eu leio a parte de psicologia, vejo o quanto isso é forte para a criança ela não querer se mostrar. (Sandra, 55 anos)

A questão da auto-estima da criança negra, aliás, é um tema que foi destacado pelas quatro entrevistadas.

A minha filha, desde criança, tenho alguns cuidados. Desde a boneca até livros. Compra uma boneca negra, não só negra, compra uma boneca branca também mas tu compra uma boneca negra. Então tu tem esse aprendizado. A minha filha não vai passar por aquilo que eu passei, porque já tem mais uma consciência. Por quê? Porque eu faço parte de um movimento. (Ana, 43 anos)

Outra questão que pode ser discutida é a da mulher negra. Neste aspecto, os entrevistados concordam com o que ARAÚJO constatou em seu estudo: a sensualidade aparece com destaque nas personagens negras das telenovelas. Ele afirma que, nos últimos tempos, os atores e atrizes negros “parecem estar sendo escalados e valorizados não só por seus talentos, mas também por seu sex-appeal.” (2004: 302)

Deve-se lembrar, porém, que o apelo à sensualidade da mulher negra foi construído historicamente na sociedade brasileira e a literatura desempenhou um papel importante para isso. Na medida em que a cor da pele foi sendo branqueada, a negra



passou a ser a mulata, mulher cheia de sensualidade. Um exemplo é Gabriela, personagem-título do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, mulata que encarna a sensualidade da mulher brasileira.

A própria atriz Taís Araújo que participa dessa novela. Ela tem sua beleza e sensualidade destacada. Na outra novela que ela fez, dá pra ver essa questão claramente só no título: A cor do pecado. Por que será que uma novela que tem uma personagem principal negra tem esse nome? (Carla, 39 anos)

A vinculação ao movimento social também teria sido decisiva, conforme os relatos, para a análise de questões como o branqueamento ou mestiçagem.

Essa questão da miscigenação é muito presente na questão do homem negro. O negro quando enriquece ou quando tá melhor de vida escolhe uma mulher branca. Mas esse é um processo que eu também não ponho culpa no homem negro ou na mulher negra que escolhe um homem branco. Cada um é livre pra escolher quem quiser, mas isso também é um processo todo de uma ideologia, que coloca na tua cabeça que tu tem que melhorar a raça, daí para melhorar a raça tu tem que casar com um homem branco ou com uma mulher branca. Aí exclui a mulher negra exclui o homem negro e o homem negro exclui a mulher negra, mas é uma questão de escolha de consciência também. (Carla, 39 anos)

O propósito desta ideologia de branqueamento, de acordo com SODRÈ, era “no fundo uma tentativa de preservar-se a discriminação contra eventuais efeitos colaterais da Abolição da Escravatura”. (1999:87) Ou seja, a idéia seria que a miscigenação entre diferentes etnias diluiria, a longo prazo, a cor da população brasileira.

Um fato interessante é que, mesmo que alguns dos entrevistados afirmem que não são contra o casamento inter-étnico, todos são casados com afro-descendentes e declaram que seu companheiro(a) é negro(a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversidade é a palavra mais apropriada para descrever questões culturais e sociais, como o caso desta pesquisa, pois cada grupo social ou étnico tem valores específicos, idéias, costumes, hábitos. E ingressar nesse mundo, tão cheio de singularidade e contradições, não é uma tarefa fácil.

Ao optar por investigar a recepção da telenovela por integrantes do Movimento Negro de Santa Maria, objetivo geral deste trabalho, procuramos compreender como dois fatores (ou mediações) interferem nesse processo: a identidade étnica e a militância social. Neste aspecto, por alguns momentos, separar uma coisa da outra ficou bastante



complicado porque, para estas pessoas que militam no Movimento Negro, a questão da sua negritude e de sua identidade étnica, portanto, só ficou mais clara após o engajamento social. Isso fez com que fosse difícil identificar quando é o negro falando e quando é o militante social negro falando.

Ou seja, o que nos parece é que, antes eles conheciam um pouco da história e da cultura desse povo, mas o “despertar” para outras problemáticas como o preconceito, a discriminação, a ideologia do branqueamento, entre outras, só ocorreu a partir da entrada no Movimento Negro. O que houve, com relação a essas questões, não foi o simples conhecimento dessas problemáticas, mas sim a mudança de postura. O que ocorreu, portanto, foi uma tomada de consciência de toda a questão do negro na nossa sociedade e um intuito de modificar algumas situações. Não discutimos aqui as práticas deste movimento social, até porque não era esse o objeto de nosso trabalho.

Ao investigarmos o processo de construção e modificação da identidade étnica constatamos que, como toda identidade, ela é estabelecida já na socialização primária. No que se refere especificamente ao negro, essa construção é bastante difícil. Primeiro, porque na própria família, em geral, não há uma consciência dessa identidade nem da cultura negra. Segundo, porque essa situação se repete na escola, onde os professores ainda não estão preparados para trabalhar e respeitar com a diversidade.

Terceiro, porque a mídia também contribui para a negação da identidade do negro, à não mostrá-lo ou a construção de uma identidade negativa, ao vincular aspectos pouco positivos aos afro-descendentes, como foi mostrado na novela *Cobras e Lagartos*, objeto deste estudo. Foguinho, que foi um dos personagens principais da trama, resumiu o típico conceito que se tem do negro no país: pobre (e são raros os casos de novelas que mostram o negro de classe média ou rico), sem estudo ou instrução, que vive de bicos e que, quando tem oportunidade de melhorar de vida isso só ocorre se ele for desonesto (no caso do personagem ele vira herdeiro de uma fortuna ao se passar por um amigo, que tem seu mesmo nome).

Em relação à TV, nota-se que, gradativamente, os negros estão ocupando mais espaços, seja no telejornalismo, seja na publicidade, seja na telenovela e na dramaturgia em geral. É claro que, se usarmos os índices defendidos pelo Movimento Negro de que quase a metade da população pode ser considerada negra, notaremos que ainda é muito pouco o espaço destinado a atores e atrizes negras nas produções ficcionais. E essa participação é menor ainda se considerarmos o papel desse artista negra (protagonista, antagonista ou secundário).



Só em 2004 uma novela da Rede Globo foi protagonizada por uma atriz negra. Em 2006, com *Cobras e Lagartos*, novamente houve destaque a dois personagens negros, que poderiam ser considerados protagonistas, pois foram os que conduziram a trama na maior parte dos capítulos. Esse fator foi fundamental para que essa obra fosse a escolhida para analisar as interpretações dos integrantes do Movimento Negro.

Neste sentido, ficou constatado que a não identificação desses militantes sociais negros com os personagens da telenovela deve-se a vários fatores. Além do já constatado estereótipo do negro, tema que foi discutido antes, notou-se que o negro que eles querem ver na televisão e na telenovela é um reflexo deles mesmos, ou seja, pessoas que têm consciência e origem de sua etnia e que se identifiquem como negros (não como mulatos, morenos, escuros).

No entanto, essa imagem de negro que o movimento social quer que seja a difundida pela mídia em geral não deixa de ser também um estereótipo, pois impõe aos afro-descendentes uma imagem simplificada do que é ser negro (no caso ter orgulho de sua etnia e lutar por melhorias para seus “irmãos de cor”), desprezando as diferenças internas dessa coletividade (religião e classe social, por exemplo).

Espera-se que este estudo possa contribuir para a reflexão sobre a participação do negro na telenovela e dar origem a novos trabalhos, que ampliem e aprofundem questões como as que foram aqui discutidas. Como profissionais da mídia, é fundamental compreender (ou pelo menos tentar) como se operam essas questões, pois só teremos a “mídia ideal” (ainda que isso seja uma utopia) quando entendermos a sociedade que a produz e a forma como ela é apreendida.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Joel Zito Almeida de. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, Phipippi; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998.

BONIN, Jiani Adriana. A identidade étnica como mediação na recepção de telenovela. **Paper** apresentado no XXVI Congresso Brasileiro em Ciências da Comunicação, Belo Horizonte, 2003. Disponível em www.portcom.intercom.org.br. Acesso em 30/04/2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Volume II. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999



GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

JACKS, Nilda. Televisión, recepción, identidad: cuestiones e imbricaciones. IN: OROZCO GOMEZ, Guilherme. **Miradas latino-americanas a la televisión**. México: Universidad Iberoamericana, 1996

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de et, al. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los médios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonia. 2 ed. México: Gustavo Gill, 1991.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. IN: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MERTEN, Luiz Carlos. Foguinho, a incorreção consagrada. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 de junho de 2006. Disponível em <http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/www>. Acesso em 23 de agosto de 2006

REVISTA PESQUISA FAPESP. “O negro na telenovela”. Edição nº 31, maio de 1998. Disponível em www.revistapesquisa.fapesp.br. Acesso em 28/07/2006.

SANTOS, João Batista Nascimento dos. **O negro representado na Revista Raça Brasil: a estratégia de identidade da mídia étnica**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. **El espíritu de la caballería y sus representaciones mediáticas**. Intertextualidad, memoria y estereotipo em la identidad gaúcha. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2000. Tesis doctoral. Facultat de Ciències de la Comunicació. Universitat Autònoma de Barcelona, 2000.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. IN: MORAES, Denis de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.



TRIGO, Mariana. O comandante da tropa. **Zero Hora**, TV+show, Porto Alegre, 3 de setembro de 2006, página 7.